

HIROSHIMA 6

MARCELO ALCARAZ

Editora Penalux, 2021

Introdução

Os militares me enviaram esse caderno muito tempo depois da morte do piloto de Hiroshima. Essas poucas páginas são um testemunho de uma vida atribulada e da tentativa desesperada de se recuperar a paz de espírito. Claude Eatherly, o piloto de Hiroshima, tornou-se um leitor e, depois de um tempo, um escritor. Seu texto era direto, quase rudimentar, mas tocava nas questões mais graves do nosso tempo.

Ele jamais repetiria o que fez, era incapaz de desferir um golpe em alguém, quanto mais acabar com tantas vidas. Escrevia um diário e afirmava que assim dormia melhor, tomando menos remédios.

O diário que você tem em mãos é um fragmento da vida do piloto, que revela pouco de um sujeito calado,

quase obtuso. Espero que, diferentemente dele, vocês consigam dormir após ler um pouco do texto. Hoje, assistimos impassíveis ao crescimento de um abismo, se pudéssemos dar apenas um passo em direção a um novo caminho, aí sim teríamos o sono dos justos. Leiam esse livro após o jantar, mas não tão perto da hora de dormir, precisamos refletir ao menos por meia hora sobre o nosso presente e a possibilidade de um futuro.

Gunther Anders

1º de agosto

O senhor Anders acredita na minha inocência, avalia que minha loucura não é maior do que a insanidade do mundo em que vivemos. Falo de Gunther Anders, pacifista, filósofo, um dos grandes sujeitos do nosso tempo, com quem tenho trocado algumas cartas.

O fato é que seu apoio não trará minha liberdade. O exército americano é truculento o suficiente pra me reter aqui o tempo que quiser, deixando-me apodrecer sem contar minha história e testemunhar. Inventam doença após doença diariamente, a imaginação deles é fértil.

Estou no hospital militar de Waco há um ano, depois de ter sido espancado em uma rua escura e jogado em um jipe verde-oliva. Os milicos espalham que permaneço

aqui por vontade própria, é uma meia-verdade. Gostam de inventar doenças para depois prescrever remédios sem curá-las. Os médicos sabem bem disso, são capachos desse sistema, servem aos milicos e produzem verdades diárias. Mentem por salário, como toda a gente. Todo dia aparece, no meu quarto exíguo, um inventor de males.

– Olá, Claude, sente-se melhor hoje?

– Muito melhor.

– Estamos reavaliando o seu estado de saúde.

– Nunca me senti melhor do que agora.

– Precisamos reavaliar constantemente, é o nosso papel.

– Quando poderei sair?

O médico sorri e abandona a sala. Ninguém responde as minhas perguntas, por isso mantenho um diário, para que as perguntas não fiquem caladas. O caderno reflete toda a minha dor e a angústia e a minha impotência diante de um sistema do qual fiz parte e fui jogado fora como peça enferrujada. Nesse caderno tentarei falar de tudo, quem sabe as pessoas no futuro se aproximem mais do que sou.

2 de agosto

Não sou um romancista ou coisa do gênero, nem profundo ou inteligente, vou seguir o conselho que o senhor Anders me deu e escrever um pouco da minha história em forma de diário. Uma escrita feita pra quem não deseja voar nas alturas, mas precisa dizer algo sobre si mesmo, seu pequeno espaço.

A minha vida será esquecida pela história, fui peça numa engrenagem. Qualquer outro soldado, com ou sem fé no sistema, poderia ter feito o que fiz.

Preciso falar sobre o mês de agosto, na opinião da minha vó, o pior mês do ano. Minha avó materna era uma espécie de conselheira, uma amiga insuperável. Ela falava o tempo todo que não acreditava em Deus, mas ela conversava com o vento e com a chuva. Benzia

os grãos antes de jogá-los no chão, Deus é isso aí, essa pequena folha verde que surge no mundo buscando existir. Deus, se existir, é um humorista. É só se olhar no espelho que chegarás a essa conclusão. “A rapidez com que tudo passa, nossas pequenas tragédias, frágeis vontades, um humorista.”

Preciso falar daquela manhã do mês de agosto, um dia que mudou minha vida e, segundo o senhor Anders, a história da humanidade. Acordei com vontade de fumar um charuto, o curioso é que é eu não fumo, e nunca tive esse desejo, mas, naquela manhã, o pequeno objeto cilíndrico capaz de produzir fumaça me chamava a atenção entre as coisas do mundo. Queria fumar e cuspir fumaça antes de fazer o que deveria ser feito.

É assim que eu chamava aquela operação, de aquilo que precisava ser feito. Apenas me falaram que eu destruiria uma ponte que liga um lugar insignificante a outro, ninguém me avisou que, ao entrar naquele avião, estaria invocando todos os demônios do inferno.

Demônios novos, capazes de forças nunca antes vistas por essas criaturas vãs; não as tolas criaturas da Bíblia que só dividem a humanidade entre bem e mal, seres previsíveis. Eu abri um buraco no meio da terra e tirei dali seres adormecidos, que se compraziam com sua existência suja no mais fundo do chão.

Acendi o charuto com um prazer imenso, lembrando de um professor de Filosofia no Ensino Médio que

nos falava sobre algum filósofo grego: uma imagem de prazer deveria ser conservada para ser retomada em futuros momentos de dor; acessaríamos essa imagem, um remédio para o desespero.

Eu possuía poucas imagens de prazer na minha vida, e quase tudo o que fiz durante a vida foi afastado do meu desejo. Obrigações sociais, medo de estar sozinho, buscar a aprovação do outro. Aquele charuto fora de hora foi uma das coisas mais exuberantes que fiz enquanto servia o exército e participava daquela guerra estranha.

Tal foi o prazer ocasionado pela fumaça daquele charuto que não soube muito bem o que fazer depois, como voltar ao comezinho do cotidiano após um momento de glória. Pilotar um avião, carregar uma pistola, fazer amor com uma prostituta, comer um cachorro-quente com mais ou menos mostarda, o cotidiano foi feito pra ser esquecido, por isso existem diários pra adolescentes e pessoas doentes.

Fui treinado para lançar bombas sobre pessoas e lugares tranquilos, aniquilar vilas de pescadores ou terminar com terríveis campos de guerra, só não fui treinado para a aniquilação total. Confiava no motor do avião e nos mecânicos que trabalhavam comigo, não estou sozinho nisso, confiava no general que me deu a ordem para fazer o que fiz, se não confiassem nesse esquema todo nem levantaria da cama.

Entrei no avião e sentei comodamente na minha cadeira de piloto. Encontrava-me diante do familiar, os cheiros, os detalhes e os comandos. Minhas ações fluíam como água que jorra de uma fonte que nunca seca, todos gostam do que não demanda conflito ou esforço, das coisas aprendidas.

Olhei para o relógio e esperei um pouco. Acredito que a vida é um pouco assim, até o fato de um soldado como eu ter conhecido um homem tão refinado e polido como o senhor Anders, alguém que dedicou quase todo o seu tempo a estudar a loucura na qual vive o ser humano atual. Loucura com aspecto de normalidade, cotidiana e irrevogável.

Foi fácil entrar no avião e acertar aquelas pontes, ouvi ao longe um estrondo imenso como se um deus enganador resolvesse gargalhar dessa guerra estúpida. Vi também uma fumaça imensa que se ergueu majestosa no céu, como se o seu lugar fosse desde sempre ali. Tudo foi simples e fácil, não senti que esse dia era especialmente diferente dos outros dias de guerra.

Estive uns dias agitado, com dificuldades de conciliar o sono. Sentia-me privilegiado na guerra, pois só o que fazia era obedecer ordens, ligar o avião e das alturas fazer o que me era pedido. Lembro de uma carta de meu amigo W., que hoje foi reformado por causa de uma surdez e uma perna perdida. W. dizia não se sentir deprimido depois da sua reforma, pois qualquer coisa é melhor que o front.



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Chaparral Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2021.